SINDICATO **UNIFICADO** DOS PETROLEIROS DO ESTADO DE SÃO PAULO
| MARÇO 2020 | *// NÚMERO 1118//*

JORNAL PETROLEIROS

PETROLEIROS REALIZAM GREVE HISTÓRICA

Paralisação atingiu mais de 120 unidades da Petrobrás durante 20 dias. Em São Paulo, a participação da categoria foi massiva e contou com o apoio de diversos setores da sociedade.
PÁGINAS 6 E 7

Foto: Marcelo Aguilar/MAB

Em entrevista ao **Jornal dos Petroleiros**, Cibele Vieira conta como foi a ocupação de uma sala do Edifício Sede da Petrobrás (Edise), localizado no Rio de Janeiro. A petroleira passou 21 dias com outros quatro companheiros, que fizeram parte da Comissão Permanente de Negociação da FUP. ***PÁGINA 5***

Além da pauta corporativa, a greve conseguiu trazer à tona o debate sobre o desrespeito aos direitos trabalhistas e à organização sindical, retomou a discussão sobre a privatização e mostrou que sem luta não há avanço. ***PÁGINA 4***

Uma greve não se constrói apenas nas assembleias ou nos grandes atos, mas no cotidiano de cada trabalhador. Para os dirigentes sindicais, a vida se torna a própria greve. Conheça como é a rotina de quem comandou a mobilização. ***PÁGINA 8***

EDITORIAL

MAIS UMA VEZ, PETROLEIROS FAZEM HISTÓRIA

A categoria petroleira escreve mais uma vez, com suas próprias mãos, um capítulo importante nas páginas da história do Brasil.

Desde 1995, esta é a maior greve nacional em duração, adesão e participação dos petroleiros e petroleiras. Suas ações romperam os limites das unidades e adentraram no cotidiano e consciência da população brasileira.

A paralisação aconteceu em meio a um momento muito peculiar do país, no qual a democracia vem sendo constantemente ameaçada, de maneira cada vez mais explícita e despudorada.

O exercício da greve, enquanto prerrogativa democrática, reforçou a compreensão de que a manutenção dos direitos depende diretamente da capacidade de luta, apontando o rumo a ser tomado em meio ao caos que vivemos.

Essa edição do Jornal dos Petroleiros visa fornecer um olhar sobre a greve enquanto um passado ainda presente, para possibilitar um melhor planejamento das próximas batalhas que se avizinham e que possivelmente não tardarão a acontecer. Por outro lado, também tem o objetivo de ser um registro histórico para que as próximas gerações consigam analisar com atenção a grandiosidade desse momento. Para que os novos trabalhadores petroleiros mantenham a tradição de luta que vem sendo carregada, e que nos torna uma referência de resistência.

Boa leitura!

CRÔNICA

O MUNDO DOS PETS

Por Rôney Rodrigues | Ilustração: Vitor Teixeira

Dizem que um cão abana o rabo quanto está satisfeito, mas que o homem não o faz por decoro público. Alguns, por compromisso de classe. Nada de especismo, mas é que há patrões que almejam tratar trabalhadores como seus pets – e, por vezes, conseguem. Acontece aos pouquinhos, como nessa história.

Toda quinta era sagrada: um grupo de petroleiros aposentados se reunia para tomar umas cachaças no boteco do Luizão. Se alguns bebem para esquecer, eles bebiam para lembrar: o heroico movimento paredista de 1995, os impasses na defesa da Petrobras, a criação da FUP... Nem se deram conta da estranha *antropomorfização ao revés* quando Herval, farejando *esquerdismo sindical* com um focinho recém-protuberado, contou que ouvira na *Jovem Pan* que nada havia de errado com a democracia – tirando fato dela estar ausente, o que não disse – e que, apesar das lamúrias dos amigos, a economia enfim voltava a crescer – com a ajuda de Paulo Guedes, o que disse. Tirando o insólito focinho animalesco, que todos evitaram comentar, contemporizaram que Herval devia só ter "envelhecido mal".

Na quinta seguinte, sua língua parecia ter triplicado de tamanho, já nem cabia dentro da boca, gotas de saliva pingavam sobre a mesa de madeira. Estava mais peludinho, brilhoso, sentindo-se com pedigree. Com fidelidade canina ao discurso oficialista, disse que andara lendo coisas de um filósofo muito importante, chamado Olavo de Carvalho, e pensava que a *desestatização* da Petrobras não é, bem assim, uma loucura – e poderia aliviar o rombo nas contas públicas provocado por "anos de roubalheira". Nem deu chance para os amigos retrucarem, disparou latindo atrás de um motoqueiro de Rappi, até perder o fôlego.

Herval não apareceu nos outros encontros. Entre uma cerveja e outra, os petroleiros conjecturavam sobre as possibilidades de vitória da greve frente a perseguição implacável do TST e o indecoroso chamado do *sinhô* Roberto Castello Branco para aposentados traírem a categoria. Quem seria capaz disso, um deles se perguntou. O Herval, tascou outro. Contou que o vira em frente a uma refinaria; quase não o reconheceu, já peludinho e arqueado em quatro patas, transportado por seguranças dentro de uma caixa de mão para pets. Rosnou para os grevistas e, seguro, voltara ao trabalho. A *domesticação voluntária* concluira-se. Poderia agora comer as sobras da janta, sentar-se sobre chinelos velhos e estar abrigado em coleira patronal. Afinal, o fura greve é o melhor amigo do patrão.

"Pobre dos cãezinhos", concordaram, antes de pedirem a saidera.

▶ // CHARGE

JORNAL PETROLEIROS

SINDICATO DOS PETROLEIROS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Redação: Viaduto Nove de Julho, 160 Conj. 2E – Centro – São Paulo-SP – CEP 01050-060. www.sindipetrosp.org.br. E-mail: imprensa@sindipetrosp.org.br. / falapetroleiro@sindipetrosp.org.br. Responsabilidade editorial: Diretoria do Unificado. Jornalistas: Guilherme Weimann e Luiz Carvalho – Mtb 49 852. Estagiária de jornalismo: Andreza de Oliveira. Ilustração: Ubiratan Dantas. Diagramação: Rangel Egídio. Impressão: Gráfica Paineiras. Tiragem: 5 mil exemplares. E-mails: sao.paulo@sindipetrosp. org.br. – campinas@sindipetrosp.org.br. – maua@sindipetrosp.org.br. Diretoria: Auzélio Alves (11- 97391-1005) Bob Ragusa (19-99963-9886) Vereníssimo Barçante (11-97221-9349), Cibele Vieira (11-96860-4433), Juliano Deptula (11-96386-8855), Gustavo Marsaioli (19-99631-8463), Felipe Grubba (11-99732-0255), Itamar Sanches (19-99601-3194), Luiz Abílio (19-99959-9317). Jorge Nascimento (19-99888-2407) Alexandre Castilho (11 9 4384-9657) REGIONAIS Campinas: (19) 3743-6144 Mauá: (11) 4514-3721 São Paulo: (11) 3255-0113

Assembleia encerrou acampamento diante da fábrica no Paraná

SOMOS UM EXEMPLO DE LUTA E RESISTÊNCIA, APONTA DIRIGENTE DA FAFEN-PR

Assembleia encerra mobilização e acampamento de petroleiros e petroleiras diante da fábrica no Paraná

Por Luiz Carvalho

"Mesmo com uma conjuntura desfavorável no Executivo, Legislativo e Judiciário, não faltou resistência, não faltou luta", apontou o diretor de Comunicação da Federação Única dos Petroleiros (FUP) e dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Petroquímicas do Paraná (Sindiquímica-PR) Gerson Castellano.

Na tarde do dia 3 de março, ele comandou a assembleia que marcou também o encerramento do acampamento que petroleiros e petroleiras mantiveram durante 43 dias em defesa dos empregos na Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados de Araucária (Fafen-PR).

Por ampla maioria, os trabalhadores e trabalhadoras decidiram aceitar a proposta de pacote de benefícios imposta pelo ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST) Ives Gandra e pela diretoria da Petrobrás.

Para Castellano, enfrentar tantos obstáculos e ainda assim manter uma greve de 20 dias, como a que a categoria fez em todo o país, é uma grande lição e motivo de orgulho. "Fica para nós o sentimento de dever cumprido, de que é necessário resistir e lutar, não importa como", apontou.

MOBILIZAÇÃO CONTINUA

Nos dias 2 e 3 de março, o Conselho Deliberativo (CD) da FUP se reuniu no Rio de Janeiro para tratar de temas como tabela de turno, interstício, relógio de ponto, punições e advertências, principais pautas da greve. A partir disso, a federação emitiu um comunicado no qual reforça o apoio à decisão da assembleia promovida pelo Sindiquímica-PR.

Reiterou ainda as críticas à forma como a greve foi tratada, tanto pela Petrobrás, que recusou qualquer negociação com a categoria mesmo antes do início do movimento, como pelo TST, que acatou todos os pedidos da empresa sem dar direito de resposta aos petroleiros. E mesmo com o acordo mediado pelo tribunal, a federação tem recebido denúncias de trabalhadores de que a empresa não está cumprindo o acordado.

Também foi estipulado pelo CD um calendário para elaboração e definição das tabelas de turno, de acordo com as necessidades de cada base que substituirão a tabela 3×2 imposta unilateralmente pela empresa. Até o final desta etapa, a Petrobrás manterá a atual tabela de turno, ou seja, aquela implantada a partir de 1º de fevereiro de 2020, como foi definido em ata na reunião com o TST do dia 27/02. Sendo assim, os sindicatos terão até o dia 19/03 para realizarem assembleias para escolha da nova tabela.

Em relação ao interstício, dobra e relógio de ponto, a FUP encaminhou para a Petrobrás uma sugestão de calendário de reuniões para discutir o fim do interstício total e a exigência dos trabalhadores chegarem na madrugada, além dos cartões de ponto para apuração da hora extra da troca de turno. Caso não haja nenhum acordo entre as partes até o dia 27/03, quando termina o prazo de 30 dias, a discussão será retomada no TST.

Sobre as punições e advertências durante a greve, ficou decidido, na mediação com o TST no dia 27/03, que serão descontados dos salários metade dos dias efetivamente não trabalhados (com devolução em folha suplementar, a ser paga no dia 06/03/20, dos descontos feitos a maior) e compensados os demais no banco de horas, no prazo máximo de 180 dias, sendo desconsideradas as advertências escritas remetidas aos trabalhadores, bem como não haverá punições por participação pacífica na greve. As férias que haviam sido suspensas serão mantidas ou reagendadas, em comum acordo com o empregado e o seu gestor.

A FUP orientou aos sindicatos filiados que casos de remarcação ou manutenção de período de férias fora do acordado na mediação devem ter tratamento local, e enviar para a FUP e sua assessoria jurídica os casos que não forem solucionados localmente. Sobre as punições, os sindicatos devem relatar os casos para a FUP para que seja verificada a plausibilidade da denúncia, e, caso seja necessário, será encaminhado para o TST e Petrobrás.

Para conhecer os demais itens do posicionamento da FUP, acesse nossa página pelo QR Code:

Foto: Marcelo Aguilar/MAB

Decisões arbitrárias do judiciário reforçam necessidade de mobilização para garantir direitos

GREVE DOS PETROLEIROS DEMONSTRA QUE DIREITOS SÓ SOBREVIVEM COM LUTA

Além da pauta trabalhista, categoria conseguiu debater temas como privatização da Petrobrás

Por Luiz Carvalho

A paralisação de 20 dias dos petroleiros em todo o país conseguiu, de uma única vez, colocar em debate o desrespeito patronal a direitos trabalhistas e a negação à organização dos trabalhadores, o processo de privatizações que governos sem compromisso trazem à pauta de tempos em tempos e ainda deixou claro que sem mobilização não há direito que sobreviva.

A greve começou no dia 1º de fevereiro diante do anúncio da Petrobrás do fechamento da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados de Araucária (Fafen-PR) e a demissão de mil trabalhadores. Decisão que desrespeita a cláusula do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT), responsável por determinar a discussão com o sindicato antes de qualquer processo de dispensa, e que foi homologado pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST.

A decisão da empresa aliada a ações unilaterais sobre temas como tabela de turnos, banco de horas e a participação nos lucros e resultados fez com que a mobilização crescesse, unificasse a categoria e tomasse conta de 121 unidades do sistema Petrobrás.

A resistência dos petroleiros e a pressão em parlamentares no Congresso Nacional resultaram na instalação de uma mesa de negociação intermediada pelo TST, algo que a companhia se negava a estabelecer. E deixou a certeza de que a união ainda é uma arma fundamental, como aponta o secretário de assuntos Jurídicos e Institucionais da Federação única dos Petroleiros (FUP), Deyvid Bacelar.

"Por si só, a paralisação já é uma vitória no momento em que há refluxo entre as entidades que representam os trabalhadores. Mas ainda conseguimos pautar temas que estavam escondidos na sociedade, como a importância da Petrobrás para a população, que é contra a privatização, e o processo de desindustrialização que ocorre no país pelas mãos do Bolsonaro, do Paulo Guedes e tem apoio, obviamente, do mercado internacional", definiu. .

Embate no Judiciário

Além da direção da companhia, os petroleiros e petroleiras enfrentaram momentos de tensão a partir da decisão do Poder Judiciário de declarar a greve ilegal e abusiva, conforme parecer emitido pelo juiz Ivens Gandra Martins Filho, no dia 17 de fevereiro, e que foi referendado pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli.

Desembargadora aposentada e pós-doutora em Economia Social do Trabalho pelo Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp) Magda Biavaschi aponta que as mobilizações e o poder de enfrentamento foram fundamentais para reverter o quadro de criminalização do movimento.

Por conta do papel que a Justiça do Trabalho deve exercer, de dirimir tensões e conflitos, decisões como a de Gandra e Toffoli são incoerentes, aponta Magda.

"A decisão do ministro relator Ives Gandra e a liminar do ministro Toffoli são incompreensíveis e inconstitucionais. A greve é mais do que legítima, primeiro, porque é um direito assegurado pela Constituição e, segundo, porque luta para que um acordo homologado pela Sessão de Dissídios Coletivos do próprio TST, que é quem tem legitimidade para avaliar quando a greve é abusiva, fosse cumprido".

Mobilizações

Enquanto uma comissão permanente de negociação permanecia acampada (veja mais na página 5) em uma sala do edifício sede da Petrobrás (Edise), no Rio de Janeiro, outras duas vigílias se estabeleceram, diante do prédio e na sede da Fafen-PR. Paralelo a isso, atos por todo o país conquistavam apoio dos movimentos sociais e furavam o bloqueio da mídia.

O maior deles, no dia 18 de fevereiro, reuniu 15 mil pessoas na região central da cidade do Rio de Janeiro. Caravanas de todo o país trouxeram trabalhadores de outras categorias à luta, estudantes e integrantes de movimentos populares que seguiram em direção aos Arcos da Lapa. Durante a marcha, uma audiência no Tribunal Regional do Trabalho do Paraná (TRTPR) resultou na suspensão das demissões dos trabalhadores da Fafen-PR por 15 dias para que houvesse a abertura de um canal de diálogo da Petrobrás com os trabalhadores.

Decisão que respondia à reivindicação dos grevistas, que definiram pela suspensão do movimento paredista após a consulta à categoria em assembleias.

Em São Paulo, na Avenida Paulista, uma mobilização convocada pelas frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo reuniu no dia 20 manifestantes que mostravam como a defesa da Petrobrás unifica gerações.

Aos 77 anos, Davina da Silva, vestida com um colete laranja da estatal, dizia esperar dos novos petroleiros o mesmo amor de quem já enfrentou o retrocesso em plena ditadura militar.

"Espero que essa nova geração se espelhe nos petroleiros antigos, que têm amor pela Petrobrás e que tenham a visão de que esse e um bem inegociável", afirmou.

Foto: Marcelo Aguilar/MAB

Os ocupantes do Edise conversaram por videoconferência com participantes do ato em apoio à greve

"NÃO ERAM CINCO, ERAM 20 MIL NAQUELA SALA", AFIRMA PETROLEIRA

Cibele Vieira ocupou uma sala do Edifício Sede da Petrobrás por 21 dias junto com outros quatro trabalhadores

Por Guilherme Weimann

"Eu gosto é de estudar emoções, petróleo fui estudar depois". E esse conhecimento de Cibele Vieira, 37 anos, realmente contribuiu nas relações que se estabeleceram a partir do dia 31 de janeiro em uma pequena sala do Edifício Sede da Petrobrás (Edise), na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Um dia antes de estourar a greve nacional dos petroleiros, considerada a maior dos últimos 25 anos, cinco diretores sindicais decidiram ocupar o lugar onde são tomadas as decisões da maior estatal do país. O objetivo era abrir um canal de negociação entre trabalhadores e a direção da empresa.

A formação do grupo, denominado de Comissão Permanente de Negociação, não poderia ser mais representativa: os diretores da Federação Única dos Petroleiros (FUP) José Genivaldo da Silva, Deyvid Bacelar, Tadeu Porto e a própria Cibele Vieira; além de Ademir Jacinto, conhecido como Mãozinha, dirigente do Sindiquímica-PR.

Apesar de todas as pressões da direção da Petrobrás, que chegou a cortar por três dias a energia e a água da sala ocupada, os sindicalistas se mantiveram firmes e conseguiram estabelecer um diálogo interno e externo muito frutífero.

Para a petroleira, que atualmente ocupa a Secretaria de Administração e Finanças da FUP, todas as pautas da greve, suspensa desde o dia 20 de fevereiro, convergem para uma questão mais profunda. Demissões, tabela de turno, fechamento da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados do Paraná (Fafen-PR): todos esses elementos fazem parte da estratégia do governo para privatizar a Petrobrás.

> *"O pessoal mais experiente falava que era loucura, mas hoje cinco não são só cinco, porque é possível conversar pra fora."*

Por isso, Cibele acredita que as mobilizações da categoria continuarão durante os próximos meses. "Mesmo quando a gente traz uma pauta corporativa, ela não é incoerente com a nossa disputa contra a privatização. No Brasil nada acontece antes do carnaval? Esse ano já começou diferente", avalia.

Trajetória

A formação da consciência política e social de Cibele veio muito antes dessa greve que já se tornou histórica. Ainda muito jovem, realizou trabalhos voluntários em creches e asilos. Mas foi no terceiro colegial que conseguiu expandir seu horizonte ao conhecer o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Nesse mesmo período, adentrou em dois espaços que mudariam sua vida: a universidade e a Petrobrás. "Eu entrei na Petrobrás em novembro de 2002, e na faculdade em 2003. O que eu fui aprendendo, através das Ciências Sociais, fui verificando na prática no movimento sindical", relata.

Para a sorte do movimento, a técnica de bens e serviços desistiu, pelo menos de maneira integral, da carreira acadêmica. Atualmente, está há 10 anos de sindicalismo, no total de 17 anos de Petrobrás.

Para conferir a entrevista completa acesse nosso site pelo QR Code:

Foto: Steve Austin

Adesão dos trabalhadores não encontra precedentes na história recente da categoria

DURANTE 20 DIAS, PETROLEIROS DE SÃO PAULO CONSTROEM GREVE HISTÓRICA

Foram diversas ações realizadas nas três regionais do **Unificado**, *em Campinas, Mauá e São Paulo; paralisação é considerada a maior desde 1995*

Por Guilherme Weimann

Há alguns anos, os petroleiros não sentiam tanto orgulho de usar suas "fardas", como são chamados os marcantes uniformes laranja, que carregam no seu lado esquerdo superior o símbolo da Petrobrás e a bandeira do Brasil.

Já se tornou consenso que essa greve, ocorrida nos 20 primeiros dias de fevereiro, foi a maior desde a paralisação de 1995. Alguns, inclusive, apontam que a adesão dos trabalhadores na mobilização, que atingiu mais de 120 unidades da estatal, não encontra precedentes na história recente da categoria.

Nas três regionais do Sindipetro **Unificado** de São Paulo - Campinas, Mauá e São Paulo -, a porcentagem de participação e de atividades realizadas também seguiram essa tendência com atividades diárias: atos, panfletagem, reuniões e diversas assembleias.

Confira abaixo um resumo das principais um apanhado das principais ações:

Regional Campinas

A sede do Sindipetro, em Campinas, funcionou nesta greve como o centro de tomada de decisões e chegou a reunir, durante as assembleias, mais de 300 trabalhadores. Entretanto, também foram realizadas diversas ações externas, com o objetivo de dialogar com a sociedade.

No dia 4 de fevereiro, o Sindipetro organizou ato conjunto com os professores campineiros, na região central da cidade. Já no dia 11, cerca de 100 petroleiros participaram de sessão na Câmara Municipal de Campinas, que aprovou Moção de Apoio dos vereados à greve.

Em frente à Replan, petroleiros também se reuniram diariamente. No dia 14, cerca de 200 trabalhadores, também de outras categorias, reafirmaram o compromisso com a greve. Um dos presentes foi o petroleiro aposentado Antônio Jesus Alencar Ferreira, de 71 anos.

"Quando toda a esquerda, inclusive os partidos políticos, estão na lógica do 'precisamos só resistir', nós partimos para a reação. Estamos sendo protagonistas dentro desse contexto político que impera 'resistência pacífica'", avalia.

Regional Mauá

Em Mauá, o clima e intensidade da greve não foi diferente. Foram atividades diárias de mobilização e diálogo com os petroleiros e trabalhadores de outras categorias. Umas delas ocorreu no sexto dia de paralisação, com a presença de diversos movimentos sociais e sindicais em frente à Refinaria Capuava (Recap).

"Esse governo está obrigando a Petrobrás a fazer um auto boicote, ou seja, entregar o mercado consumidor brasileiro pra empresas internacionais", afirmou durante a atividade, o coordenador geral do Sindipetro **Unificado**, Juliano Deptula.

Regional São Paulo

No dia 5 de fevereiro, petroleiros promoveram uma paralisação na porta do terminal da Transpetro de Guarulhos. A ação contou com a participação do Levante Popular da Juventude, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores Desempregados (MTD).

Já no dia 17 de fevereiro, o auditório do sindicato, em São Paulo, ficou cheio de integrantes da Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo. A plenária serviu para reafirmar a unidade em torno da greve e apontar a construção do ato de apoio aos petroleiros, que foi realizado no dia 20, na Avenida Paulista.

Foto: Eric Gonçalves/ Sindipetro **Unificado**-SP

Em Cosmópolis, foram vendidos 120 botijões de gás subsidiados

DURANTE A GREVE, PETROLEIROS ORGANIZARAM VENDAS DE GÁS A PREÇO JUSTO

Sindicato subsidiou a venda de 420 botijões de gás em Campinas, Cosmópolis e Paulínia

Por Guilherme Weimann

Os principais afetados pela política de preços dos combustíveis, adotada pela direção da Petrobrás nos últimos anos, são os trabalhadores pobres. Por isso, sindicatos de todo o país filiados à Federação Única dos Petroleiros (FUP) decidiram subsidiar a venda de botijões de gás durante a greve.

No estado de São Paulo, foram realizadas três atividades em bairros populares dos municípios de Campinas, Cosmópolis e Paulínia que, no total, ofereceram 420 botijões a preço justo. Os petroleiros subsidiaram R$ 30, possibilitando a venda de cada botijão pelo valor de R$ 40.

Em Cosmópolis, onde foram ofertados 120 botijões no dia 13 de fevereiro, Sandra Regina Mariano Hilário, de 58 anos, foi uma das que compareceram à longa fila que se formou no bairro Parque dos Trabalhadores. Doméstica aposentada, Sandra relatou a dificuldade em comprar gás, que já chegou a custar R$ 80 no bairro.

> *"Ainda bem que eu consigo pagar [pelo gás], mas tem muitos vizinhos que não conseguem. Eles têm que juntar lenha pra fazer seu arroz e seu feijão. Minha vizinha é uma que está cozinhando à lenha", relatou Sandra.*

De acordo com o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2018, aproximadamente 20% das famílias brasileiras usam lenha ou carvão para cozinhar. São 14 milhões de famílias que não conseguem pagar pelo gás de cozinha. Dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP) mostram que o gás de cozinha aumentou de R$ 54,07 para R$ 69,24 (reajuste de 28%), entre os meses de dezembro de 2015 e dezembro de 2019. Essa elevação está diretamente ligada à política de paridade internacional de preços implementada pela atual gestão da Petrobrás.

"A população está muito receptiva ao diálogo, mas sem saber o porquê. E essas ações mostraram justamente que os preços estão altos por uma escolha da gestão da empresa", explicou Silvio Marques, da Associação Beneficente Cultural dos Petroleiros (ABCP).

Direção do Sindipetro em ação durante mobilizações da categoria

ASSIM SE FAZ A GREVE

Mobilização transforma vida de dirigentes sindicais que passam a viver o movimento 24 horas por dia

Por Luiz Carvalho

Mais de 20 mil trabalhadores mobilizados em 121 unidades do sistema Petrobrás. Apesar de expressivos, esses números não são capazes de definir o que foi a histórica greve dos petroleiros que durou 20 dias.

Principalmente, quando a mobilização é observada a partir da realidade dos dirigentes sindicais, que passam a viver integralmente a luta, deixando de lado família e qualquer outro compromisso pessoal.

Neto de poloneses que se conheceram no campo de concentração de Auschwitz e filho de um petroleiro que esteve presente em todas as grandes greves da categoria, inclusive na maior delas, em 1995, o coordenador geral do Sindipetro-SP, Juliano Deptula, conta que um dos primeiros grandes desafios é equilibrar trabalho e família.

"Chegava em casa e não conseguia ajudar com as atividades domésticas, porque o dia começava antes do sol nascer e terminava já de madrugada. Temos de estar atentos a tudo todos os dias, desde ler documentos que são enviados pela empresa aos trabalhadores, até reportagens que saem sobre a greve. São reuniões, contatos ininterruptos com a base e isso acaba sobrecarregando a companheira e a relação", afirma.

Um dos responsáveis por abrir espaço a Deptula na direção do sindicato o técnico de segurança do trabalho da Refinaria Capuava (Recap) e hoje também coordenador da regional Mauá Auzélio Alves aponta como outra dificuldade a pressão com a qual as lideranças convivem nesse período.

"A solidão do dirigente sindical é muitas vezes cruel porque tem de decidir sobre questões que envolvem a vida de muitos companheiros que confiaram em nós e que definem com a gente os rumos do movimento. Por isso, temos de estar atentos às notícias, tanto da imprensa quanto aquelas que vem da empresa, para que possamos manter a categoria informada e responder a todos os questionamentos", explica.

O início, o meio e o fim

A deflagração de um movimento grevista deve obedecer a normas legais e regras estabelecidas no estatuto do sindicato. É preciso realizar assembleias que devem ser convocadas com, no mínimo, 48 horas de antecedência e um comunicado precisa ser publicado em jornal de grande circulação 78 horas antes.

Para além dessas questões é necessário ter uma avaliação precisa de que a paralisação é desejo da maior parte da categoria, conforme aponta o operador de refino da Refinaria de Paulínia (Replan) e dirigente da regional Campinas do Sindipetro Arthur Ragusa.

"A greve nunca é um ato de vontade da direção, mas um acúmulo de tensões que são canalizadas e viram um movimento maior. Essa foi fruto da insatisfação com um ambiente que, conforme definiu um companheiro da Replan, que está tóxico. Estão perseguindo, punindo e desqualificando trabalhadores e isso ajudou a construir a paralisação", explica.

O pré-greve é fundamental para que o maior número possível de trabalhadores tenha consciência da importância do enfrentamento e também para que os dirigentes consigam desenhar adequadamente o cenário que enfrentarão.

O movimento pode ser considerado ilegal (ou político, conforme julgou o Tribunal Superior do Trabalho) e isso faz com que o sindicato tenha de ter uma ampla frente de articulação, incluindo a pressão sobre parlamentares, Judiciário e, claro, a direção da empresa.

"Tudo pode acontecer. Paramos pelo descumprimento de cláusulas do acordo coletivo, tiradas no TST, e o próprio tribunal julgou ilegal uma luta que fazíamos para que fosse cumprido algo definido por eles", aponta Juliano Deptula.

18 DE MARÇO É DIA DE DEFENDER O SERVIÇO PÚBLICO

Serviços de saúde, educação e segurança perdem investimento e precisam de socorro

Luiz Carvalho com informações do Portal da CUT

Foto: Agência Brasil

O aumento da informalidade, que em 2019 subiu para mais de 50% em 11 estados brasileiros e bateu recorde em 19 entes da federação, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem feito crescer também a demanda por serviços públicos.

Sem carteira assinada, muitos trabalhadores e trabalhadoras abrem mão de escolas privadas e planos de saúde para os filhos e a família, optam por colégios públicos e por utilizar o Sistema Único de Saúde (SUS).

Unindo-se, assim, a quem já não podia pagar para ter acesso ao atendimento.

Na contramão dessa demanda, porém, o governo de Jair Bolsonaro (sem partido) optou por proibir concursos públicos por meio de um decreto do final de 2019 e em reduzir investimento. Em 2019, a aplicação de recursos por parte do governo federal foi de apenas 0,8% do Produto Interno Bruto (PIB), segundo dados do Tesouro Nacional.

Para este ano, a previsão do governo é de um montante ainda menor, entre R$ 25 bilhões e R$ 30 bilhões, uma queda de 40% em relação ao ano passado e o menor patamar desde 2007, segundo dados do próprio Tesouro.

Com o aprofundamento de uma política de governo que pune os setores mais frágeis da população, as centrais sindicais e representantes dos movimentos sociais convocaram para o **18 de março** atos em todo o país para o chamado "Dia Nacional de Luta em Defesa dos Serviços Público, Estatais, Emprego e Salário, Soberania, Defesa da Amazônia e Agricultura Familiar".

Para o presidente da CUT, Sérgio Nobre, se não houver resistência, a expectativa é que o quadro se agrave ainda mais já neste ano.

"Daqui alguns uns dias vão enviar para o Congresso Nacional uma proposta de Reforma Administrativa, que, na verdade, é para acabar com concurso público, permitir a demissão de servidores e isso vai agravar o que já está grave", destaca.

NO MÊS DO 8 DE MARÇO, MULHERES DENUNCIAM APROFUNDAMENTO DA DESIGUALDADE

Foto: Agência Brasil

Uma pesquisa divulgada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), no dia 3 de março, mostra que a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho permanece na região Sudeste.

Segundo a pesquisa com base no quarto trimestre de 2019, o rendimento médio das trabalhadoras é 22% menor quando comparado a trabalhadores que exercem a mesma função. A cada 10 diretores e gerentes, quatro são do gênero feminino, mas o rendimento delas era, em média, 29% menor.

Na comparação entre empregados com ensino superior a diferença é ainda maior, o salário das trabalhadoras era 38% inferior.

Com a pauta do combate à desigualdade econômica, mas também do enfrentamento à elevação dos crimes violentos contra a mulher, que cresceram mais de 7% em todo país, as trabalhadoras terão em março um mês com extensa agenda de lutas.

Em São Paulo, no Dia Internacional das Mulheres, a concentração acontecerá às 14 horas no Parque Mário Covas, próximo ao Masp.

Confira abaixo a programação:

CALENDÁRIO DE LUTAS

- **8 DE MARÇO**
  Dia Internacional das Mulheres
- **14 DE MARÇO**
  Atos pelos dois anos do assassinato de Marielle Franco
- **18 DE MARÇO**
  Dia Internacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras
- **18 DE MARÇO**
  Dia Nacional de Luta em Defesa do Serviço Público, Estatais, Emprego e Salário, Soberania, Defesa da Amazônia e Agricultura Familiar
- **1º DE MAIO**
  Dia do trabalhador e da trabalhadora

Foto: Guilherme Weimann

A petroleira Lucimeire levou toda sua família para degustar a feijoada e confraternizar com os colegas

ATIVIDADES CULTURAIS AMPLIAM UNIÃO E SOLIDARIEDADE NA GREVE

Centenas de pessoas foram à Feijoada da Greve em Campinas; em Mauá, famílias também estiveram presentes na luta

Não existe ninguém que goste de fazer greve, mas ela é a última estratégia que os trabalhadores utilizam para lutar pelos seus direitos. Quando uma paralisação é deflagrada, uma série de medidas é acionada pelo Estado para criminalizar os grevistas: congelamento dos salários, ameaças, demissões e até prisões. Entretanto, esses são os momentos nos quais se estreitam os laços de solidariedade e união.

Foi justamente essa demonstração que os petroleiros deram com a Feijoada da Greve, realizada no dia 15 de fevereiro. A atividade reuniu cerca de 200 pessoas na sede do Sindipetro **Unificado**, em Campinas (SP), com o objetivo de aproximar os familiares em apoio à greve.

O idealizador foi Fernando Tadeu Bueno Martin, petroleiro há 27 anos. Como um dos seus hobbies sempre foi cozinhar, decidiu juntar um grupo de amigos há três anos para fazer uma feijoada. O programa foi tão bem aceito que se tornou anual.

Foto: Guilherme Weimann

Cerca de 200 pessoas compareceram à sede do sindicato, em Campinas, em solidariedade à greve

A partir dessa experiência, o sindicato teve a ideia de realizar a Feijoada da Greve, como uma forma de "ter um pouco de harmonia num período de muita tensão". Como o prato já havia ganhado fama entre os colegas da Refinaria de Paulínia (Replan), o número de inscrições chegou rapidamente a 200 pessoas. "Eu esperava no máximo 50 pessoas, quando o número chegou a 200 vi que precisava de ajuda", relata Martin. Por isso, convocou o Urso, o Willian e o Lacorte.

Juntos, os petroleiros cozinharam 120 litros de feijoada, que teve, entre outros ingredientes, mais de 50 quilos de carne e 20 quilos de feijão preto.

A petroleira Lucimeire Araújo de Sousa, 51 anos, foi uma das que compareceu junto com toda a família. Desde 2004 na Petrobrás, a operadora de vapor acredita que é essencial momentos como esse para renovar as energias. "Greve é um momento difícil na vida da gente, mas é um mal necessário. Nós precisamos de momentos assim, porque se ficarmos vivendo só a pressão de 'vamos perder salário, emprego?', ninguém aguenta. Precisamos de momentos assim para dar uma força, uma carga na gente", afirma Sousa.

Para ver a cobertura completa da feijoada, acesse pelo QR Code:

Foto: Sindipetro **Unificado**-SP

Em Mauá, petroleiros organizam "Dia da Família"

Em Mauá (SP), além de muita luta, a união da categoria ocorreu também por meio de confraternizações. No dia 9 de fevereiro, foi realizado o "Dia da Família", quando familiares dos grevistas compareceram à sede do sindicato para se solidarizarem e tornar a mobilização mais descontraída, com muito bate-papo, pizza e música.

Além disso, foi realizado um churrasco no dia 16, também no sindicato, que serviu como oportunidade para dividirem angústias, dificuldades e manter a esperança firme num desfecho vitorioso para a mobilização

Foto: Divulgação

Apoio à greve invadiu o carnaval de todo o país

A LUTA DOS PETROLEIROS NÃO PAROU NO CARNAVAL

Em diversos blocos pelo país, petroleiros deram continuidade à luta em defesa da Petrobrás

Por Andreza de Oliveira, com orientação de Guilherme Weimann

Em meio a milhares de foliões espalhados por diversos blocos de carnaval em todo o país, petroleiros e apoiadores da categoria vestiram laranja e saíram às ruas em defesa do Petrobrás. Esse foi o caso de Luciana Salazar Salgado, professora de linguística na UFSCar e na USP.

Irmã de um ex-trabalhador da Replan, Luciana participou da campanha dos petroleiros em apoio aos professores, nos anos 1990, e decidiu se vestir com as cores da categoria neste carnaval, em Belo Horizonte (MG).

"A recepção foi bem difusa, nos blocos em que predominavam gente mais jovem, a minha roupa não fazia o menor sentido. Contudo, em blocos mais tradicionais e com predominância de um pessoal mais velho, eu recebi diversos acenos e elogios", relata Luciana.

O diretor de comunicação da Federação Única dos Petroleiros (FUP), Alexandre Finamori, também esteve presente em um dos maiores e mais tradicionais blocos carnavalescos da capital mineira, o "Então Brilha", e discursou para multidão de foliões sobre a importância de defender a estatal.

Petroleiros e adeptos da luta também marcaram presença em blocos de São Paulo (SP), Salvador (BA), Olinda (PE) e Rio de Janeiro (RJ).

Foto: Divulgação

Luciana escolheu o laranja dos petroleiros para pular o carnaval de BH

Foto: Divulgação

Alexandre fez uma intervenção no "Então Brilha", um dos mais tradicionais da capital mineira

CINEMA

Foto: Divulgação

Cena do filme 'Você não estava aqui', de Ken Loach

"VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI" MOSTRA OS DESAFIOS NA CLASSE TRABALHADORA NA ERA DA UBERIZAÇÃO

O longa dirigido por Ken Loach (mesmo diretor de "Eu, Daniel Blake) estreou nos cinemas brasileiros no dia 27 de fevereiro, e tem como enredo a história de uma família inglesa vivendo no pós crise de 2008.

A trama sintetiza os principais problemas da uberização e precarização das condições de trabalho, já que o personagem principal da narrativa, ao se encontrar fora do mercado formal e em busca de uma "autonomia", opta por trabalhar com entregas em domicílio por meio de um aplicativo.

"O filme retrata as empresas (aplicativos) suspendendo os meios de comunicação entre os próprios trabalhadores, o que é um desafio para os sindicatos e lideranças políticas, e que precisam de uma mudança", afirmou Loach em entrevista ao jornal O Globo.

Atualmente, esse mercado informal de trabalho é realidade para cerca de 40% dos trabalhadores brasileiros, de acordo com o IBGE.

MASSACRE NA ALESP

FOTO: PT/ALESP

Foi aprovada no dia 3 de março a proposta de reforma da previdência que eleva a idade mínima das aposentadorias dos servidores do estado de São Paulo. A votação, que ocorreu na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), foi marcada por protestos de funcionários paulistas contrários ao projeto, e que foram reprimidos por policiais do Batalhão de Choque da PM.

CHUVAS CAUSAM MORTES

FOTO: Prefeitura de Santos

Uma forte chuva, ocorrida no dia 3 de março, deixou um rastro de destruição na Baixada Santista, litoral de São Paulo. De acordo com a Defesa Civil, até o fechamento da edição são 54 vítimas contabilizadas, entre mortos e desaparecidos. No Rio de Janeiro a situação não é diferente, com cinco mortes registradas na Baixada Fluminense e zona oeste da capital.

BRASIL VALE QUANTO?

FOTO: Secom

Um navio contratado pela Vale, contendo 3.640 toneladas de óleo e 294,8 mil toneladas de minério de ferro, está encalhado no litoral do Maranhão desde o dia 24 de fevereiro. Próxima de seu terceiro crime ambiental em menos de 5 anos no Brasil, a mineradora diz ainda não saber qual o real dano causado na embarcação. O Ibama já registrou mancha de óleo com cerca de 830 metros ao redor no navio.

BRASILEIRAS NA VANGUARDA DA CIÊNCIA

FOTO: Divulgação

Apenas dois dias foi o tempo que um grupo de cientistas precisou para realizar o sequenciamento do coronavírus, que teve seu primeiro caso confirmado na América Latina no dia 26 de fevereiro. As cientistas Ester Sabino e Jaqueline Goes de Jesus, ambas das USP, tiveram papel essencial na pesquisa, que poderá contribuir no desenvolvimento de vacinas.

ANISTIA INTERNACIONAL

FOTO: Mídia Ninja

O «Relatório Anual de Direitos Humanos nas Américas: Retrospectiva 2019», lançado no dia 27 de fevereiro pela Anistia Internacional, mostra que, no último ano, o Brasil foi destaque na retórica de retrocessos. Violência policial, crise ambiental, opressão contra os indígenas e assassinato e perseguição de ativistas foram os destaques no capítulo sobre o Brasil, país com autoridades claramente contrárias aos direitos humanos.

PREÇO DA GASOLINA: RANKING INCONVENIENTE

FOTO: Marcelo Camargo/ Agência Brasil

De acordo com estudo divulgado no dia 27 de fevereiro pela Cuponation, o Brasil tem a quarta gasolina mais cara (R$ 4,45/litro) da América do Sul, ficando atrás apenas do Uruguai, Peru e Chile, respectivamente. No ranking mundial, o país ocupa a 60º posição, apesar de estar entre os dez maiores produtores de petróleo do mundo, com baixo custo de produção.

LULA EM PARIS

FOTO: Ricardo Stuckert

No dia 2 de março, Luiz Inácio Lula da Silva esteve no Conselho de Paris para o recebimento do título de cidadão honorário. O reconhecimento foi pela atuação do ex-presidente em causas contra a fome e a miséria no Brasil. A honraria foi entregue pela prefeita da capital francesa, Anne Hidalgo, que elogiou Lula.

GREVE OU MOTIM?

FOTO: Marcos Studart/GOV-CE

Depois de 13 dias, policiais militares do Ceará decidiram encerrar o motim no dia 2 de março. Os policiais envolvidos serão julgados por uma comissão externa, formada por órgãos do judiciário. O ministro da Justiça, Sérgio Moro, afirmou que "prevaleceu o bom senso, sem radicalismos", apesar de terem sido cometidos 241 assassinatos no período.